

INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA

BIÊNIO SOBRE A PESSOA

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

Ficha 18 – junho de 2022

Dimensão Missionária

A INTERCULTURALIDADE: ESTILO DE VIDA E DE MISSÃO

Tudo posso Naquele que me dá força !

(Fil. 4,13)



**Biênio
sobre a pessoa**

"Olha para a tua frente. O que vês"? Vejo uma estrada e um homem a afastar-se.

Está sozinho. Que semblante terá? Tento dar-lhe um rosto porque só o vejo de costas.

"Quem é?" Um estranho, sem dúvida, com um pequeno livro debaixo do braço.

"Aproxima-te", diz o desconhecido, "A dois passos de mim ainda estás demasiado longe.

***Vês-me por aquilo que tu és e não por aquilo que eu sou"** (E. Jabès, Um Estranho com um Pequeno Livro debaixo do Braço)*

*"O missionário é chamado a viver e dar **testemunho de uma comunhão que valoriza a diversidade** com uma atitude de kenosis de si mesmo, a fim de dar espaço aos outros. Para o missionário, o diálogo é uma atitude fundamental, e o respeito pelas pessoas e pelas culturas torna-se para ele um horizonte operativo" (XI CG 17.2).*

*"A vida é a arte do encontro. **As culturas adoecem quando se tornam autorreferenciais**, quando perdem a curiosidade e a abertura ao outro. Quando excluem em vez de integrar. Que vantagem temos em tornar-nos guardiães das fronteiras, e não guardiães dos nossos irmãos? A pergunta que Deus nos repete é a seguinte: "Onde está o teu irmão?" (cf. Gn 4,9). (Papa Francisco, Inauguração do espaço de exposição permanente na Biblioteca Vaticana" 5 de Novembro de 2021)*

STATUS QUAESTIONIS

"O Instituto, nascido em Itália, tem vindo a tornar-se cada vez mais internacional. A internacionalidade é uma vantagem, um elemento positivo para o crescimento das nossas comunidades. A sua **multiculturalidade chama a atenção para o mundo de hoje, tão marcado pela diversidade e fragmentação,** e torna-se um **sinal profético quando,** à luz do Evangelho, **vivemos a unidade na diversidade.**

A vida das nossas comunidades é reforçada pela partilha do mesmo carisma, que nos foi transmitido por Allamano. Nos últimos anos, o Instituto tem vindo a salientar a necessidade de inculturar o carisma e as suas expressões em diferentes culturas. Cada missionário encarna o carisma na sua própria cultura e história.

Hoje em dia, **é necessário ir além da internacionalidade para enfrentar os desafios da interculturalidade.** Isto requer em primeiro lugar o reconhecimento e aceitação do pluralismo cultural e o esforço contínuo para compreender a outra pessoa. Entramos assim numa dinâmica de dar e receber, uma partilha que nos faz crescer no diálogo, na confiança mútua e no reconhecimento das nossas diferenças" (CG XI, 56).

Esta longa citação do Capítulo de 2005 resumia muito bem o resultado da viagem que o Instituto estava fazendo no cumprimento da sua Missão na Igreja e no mundo, e que tinha favorecido o seu crescimento rumo à internacionalidade e à interculturalidade.

Para aproveitar ao máximo esta situação e acompanhar os missionários na mudança, os Padres do Capítulo apelaram profeticamente a um "biénio de estudo aprofundado sobre a interculturalidade" (XI CG 58. 1) que a Direção Geral promulgou de 7 de Outubro de 2008 a 20 de Junho de 2010 com o objetivo de "difundir nas nossas comunidades e Circunscrições uma formação que nos conduza da multiculturalidade para a interculturalidade e o compromisso inalienável com a missão". (cf. Carta de Indicação do Biénio de Aprofundamento da

Interculturalidade “*Em vista de uma Comunhão Intercultural*”, 15 de Agosto de 2008).

Quase 20 anos depois, não só terminou a hegemonia de um "monocentrismo cultural" da cultura ocidental, mas a presença e apreciação de outras culturas dentro do Instituto tornou-se preponderante, graças sobretudo à mudança do centro de gravidade vocacional de eurocêntrico para afrocêntrico. Este fenómeno tem gerado novas perspetivas culturais na visão do Carisma *ad gentes*, na vivência da vida religiosa e na coexistência entre missionários. (cf. Ibid.)

Por esta razão, hoje mais do que nunca, é urgente retomar com renovado ímpeto o caminho iniciado pelo XI Capítulo Geral, e refletir com rigor sobre os novos cenários culturais, a fim de compreender profundamente as suas consequências, especialmente quando fazem ressurgir nacionalismos, paroquialismos e filiações étnicas, provocando fragmentação, rivalidades e ciúmes nas comunidades e Circunscrições, recordando um passado que já não existe mas que queremos reavivar para nossa conveniência.

Durante a Biénio sobre Interculturalidade foram produzidas duas ajudas: "A *Magna Charta* para o Biénio sobre Interculturalidade"¹ e as Atas do Encontro "Interculturalidade: um Novo Paradigma de Missão" realizado em Roma de 4 a 7 de Dezembro de 2009.

São ainda instrumentos muito válidos para aprofundar os temas relacionados com a interculturalidade e sobretudo para assumir as atitudes que nos permitirão responder ao desafio indicado pelo XI Capítulo e ainda hoje muito relevante: "ir além da internacionalidade para enfrentar os desafios da interculturalidade ... criar comunidades que se tornem um sinal profético, onde se viva a unidade na diversidade".

¹ *Magna Charta* Interculturalidade: <http://intranet.consolata.org/?p=13068>. Parte do material desta ficha é tirado da *Magna Charta*. Atas do Encontro sobre a multiculturalidade: <http://intranet.consolata.org/?p=13075>

"Vivemos a vida fraterna em comunidades internacionais e interculturais. Isto em si mesmo torna-se um testemunho evangelizador (cf. Jo 13,35). Para nós é uma grande riqueza e um desafio se acolhidos no Instituto vindos de diferentes culturas, mas unidos para viver a missão em pluralidade, interculturalidade e fraternidade. Os valores base do nosso carisma exigem um maior aprofundamento e fidelidade da nossa parte, num processo constante de inculturação e crescimento. (XII CG 18)

Reflitamos juntos

Pensas que nos escritos do Fundador e nas reflexões dos Capítulos, Assembleias, Reuniões Continentais e de Circunscrição, há antecedentes suficientes para refletir sobre este assunto?

Multiculturalidade – Interculturalidade

Multiculturalidade significa a presença de diferentes culturas, cada uma com a sua própria identidade e diferença em relação às outras. Quando, ao invés, falamos de *interculturalidade*, queremos significar que entre grupos, indivíduos e identidades, são criadas relações e interações e que a identidade de cada um é alimentada e completada graças às diferenças e semelhanças com os outros. A finalidade desta ficha é realçar a positividade da abordagem intercultural, uma vez que a mesma fomenta e permite a coexistência harmoniosa de diferentes culturas, no respeito pela diversidade e no diálogo.

Razões pelas quais nos ocupamos da interculturalidade

1. Para responder aos apelos da Igreja de hoje.
2. Para criar uma maior abertura no seio das comunidades.
3. Para estar abertos ao mundo que nos rodeia.
4. Para responder aos pedidos dos últimos Capítulos.
5. Para refletir sobre as nossas comunidades interculturais.

6. Para nos tornarmos cada vez mais conscientes da nossa união de modo a cuidar responsabilmente do bem comum.
7. Para nos formarmos no presente a reconhecer a diversidade de cada um e lhe dar espaço e valorizá-lo.
8. Para o mútuo apoio e para viver juntos neste tempo particularmente complexo e de grandes mudanças sociais.
9. Para atuar formas de participação e colaboração
10. Para aprender a "pôr-se pessoalmente em questão" perante este tema.
11. Para superar e curar as dificuldades do passado e do presente, vividas no Instituto, de modo a construir juntos o seu futuro.

Refletamos juntos

Considerais, enquanto comunidade, que estas razões para viver a interculturalidade são importantes? Sentis que existem outras prioridades neste momento? Quais? Achais que elas estão, de alguma forma, relacionadas com este tema?

ILUMINAÇÃO

As bases da nossa vida

Valores antropológicos...

*É urgente formar-nos e formar para encontrar palavras capazes de criar comunhão com aqueles que são diferentes de nós. É imperativo que nos formemos e formemos ao **respeito do "diferente"**, com a capacidade de ouvir e ter em consideração os pontos de vista do outro que é diferente de nós.*

Existe uma forma errada de abordar outras culturas e chama-se aculturação. Leva-nos a absorver tudo no que nos rodeia, perdendo a nossa identidade e as nossas raízes.

A abordagem intercultural correta, por outro lado, leva-nos a ser protagonistas e a experimentar positivamente a possibilidade de mudança em que se escolhe o que levar e o que deixar de si próprio e do outro. Isto requer saber como construir sobre a própria identidade humana e história pessoal para se sentir igual aos outros, parte da mesma espécie humana. Agindo assim, pode-se acreditar no valor da diversidade do outro, valorizando a nossa própria cultura, bem como a dos demais. É apenas a partir daqui que alguém pode aceitar aproximar-se do outro, tolerando a incerteza, respeitando o seu sistema de valores, colocando-se no seu lugar para ver as coisas a partir de diferentes pontos de vista.

Quando descobrimos que a nossa identidade, bem como a dos outros, é o resultado de múltiplas afiliações e que diferentes influências convergem nas nossas origens e no nosso percurso de vida, cria-se então uma relação diferente com os outros e nas fronteiras entre nós e eles criam-se círculos diversificados e móveis de pertença.

Quando descobrimos que a nossa identidade, bem como a dos demais, é o resultado de múltiplas pertenças e que diferentes influências convergem na nossa origem e no nosso percurso de vida, cria-se então uma relação diferente com os outros e nas fronteiras entre nós e eles criam-se ligações e círculos diversos e móveis de pertença.

É necessária uma conversão do *eu-ele* para o *eu-tu*, do modo egocêntrico para o diálogo autêntico. Só então nasce entre os parceiros de diálogo algo de novo que os supera.

Refletamos juntos

Será realmente verdade que a diversidade é um valor? Que implicações tem isto na tua vida pessoal e comunitária? Por que razão, a teu ver, é mais comum defender as próprias ideias, valores, 'limites' ... do que confrontar-se e dialogar sobre os dos outros?

Valor teológico bíblico

Aqui estão algumas passagens bíblicas para nos ajudar a encontrar com fé e na fé aqueles que são diferentes de nós próprios. Através da

escuta da Palavra aprendemos de Jesus a sair de nós próprios, como Ele saiu, abandonando a Sua divindade, para habitar entre nós. Nesta viagem contínua de kenosis em direção ao estranho, ao diferente, a pessoa realiza-se e vive a sua vocação.

O agir de Deus e a universalidade da salvação

O primeiro a embarcar num caminho de inculturação foi a própria Palavra de Deus, que assumiu a nossa humanidade, frágil e mortal, num contexto cultural preciso, o do povo judeu na época de "César Augusto, quando Quirino era governador da Síria" (Lc 2,1-2) para nos mostrar o rosto invisível de Deus e fazer ressoar a Palavra de Deus nas suas palavras humanas: "*E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós*" (**Jo 1,14**).

Descobrimos que até Jesus, vivendo no seu próprio tempo e na sua terra, assumiu estereótipos e teve de lutar contra os preconceitos, por exemplo quando a mulher cananeaia lhe pede ajuda para a sua filha, prisioneira de um demónio (**cf. Mt 15,21**). É como se o Senhor se deixasse *converter* pelo "diferente", pelo estranho. E a mulher, com a sua perseverança, quase o obrigou a realizar o milagre da cura e da abertura para ir ao encontro daqueles que não pertencem "à casa de Israel"!

Mas o estilo de Jesus vem de longe. Aqui estão algumas citações do Antigo Testamento em que notamos que desde todos os tempos Deus se relaciona com todos os povos e ultrapassa todas as barreiras para encontrar todos os homens.

Noé: a aliança como um acolhimento de reconciliação para todos os povos (**Gen 9**)

Abraão: aceita o convite de Deus para se tornar um nómada e deixar a segurança da sua pátria e as tradições da sua terra (**Gn 12,1-3**); faz uma aliança com Deus (**Gn 17,1-8**) e acolhe-o (**Gn 18,1-15**).

Todo o **livro de Rute**, a Moabita.

O pluralismo na Igreja nascente

A Bíblia recorda-nos que não existe uma cultura, uma língua, um pensamento, uma história e uma visão únicas. Em vez disso, somos

chamados a trabalhar no respeito para com todos os seres humanos, sem discriminações. Neste contexto temos a passagem dos Atos dos Apóstolos onde todos ficam cheios do Espírito Santo e cada um ouve falar a sua própria língua: **Atos 2:1-7**.

O próximo texto poderia chamar-se "contra-Pentecostes". É tradicionalmente entendida como uma "tentativa perversa de invadir o espaço reservado apenas a Deus e qualifica positivamente a condição inicial de uma humanidade dotada de uma só língua". O significado desta história é porém mais profundo e atual: "O desejo do povo de Babel não é de uma unidade que impeça a dispersão, mas sim de uma uniformidade que anule a singularidade. O Senhor, por outro lado, não quer que a família humana perca as suas riquezas culturais e seja nivelada num «projeto único» e num «pensamento único», mas que seja capaz de as exprimir na sinfonia dos povos. É por isso que Ele frustra o projeto Babel, dispersando os homens e forçando-os através da diferenciação e confusão das línguas a procurar a unidade através de um caminho de diálogo e convergência: **Gen 11:2-6**.

A revelação do Espírito repete-se ao longo do itinerário da Igreja: por exemplo na casa do centurião Cornélio. Pedro é testemunha do que aconteceu. Ele próprio o experimentou, guiado, convertido e transformado pelo Espírito. Venceu preconceitos, deixou cair a sua resistência, tornou-se capaz de acolher e ser acolhido por aqueles que nesse tempo eram considerados "ímpuros": **Atos 10:34, 36, 44-48**

Outras passagens recordam-nos a dificuldade em respeitar as diferenças e a necessidade de prestar atenção ao estilo de Deus: **Ef 2,14; Ef 2,17-22**.

As palavras de S. Paulo na carta aos Gálatas podem ser um estímulo também para nós. Fazem-nos pensar na nossa origem comum em Deus como batizados. Mais ainda, o ter sido chamados a pertencer ao Instituto deveria levar-nos a não estabelecer entre nós diferenças nem de dignidade, nem de cultura ou visão/opinião: **Gal 3:26-29**.

O Espírito atua através de Filipe e leva-o ao encontro do funcionário etíope. Filipe mete-se a caminho, vive a sua missão que o leva a

encontrar alguém diferente, um estranho na estrada, para quem se torna proclamação, catequese, batismo. *"Então o Espírito disse a Filipe: Vai, aproxima-te dessa carruagem"* (Act 8,26-40)

O Espírito age também em Antioquia e aí nasce a primeira comunidade onde convivem pessoas de diferentes origens sociais e culturais: **Act 11:19-26**

Magistério, reflexão eclesial

A visão do Concílio Vaticano II sobre a Igreja é trinitária, sacramental/eucarística e de comunhão. A igreja é "o povo de Deus, o corpo de Cristo, o templo do Espírito Santo" (LG 17); citando São Cipriano é definida como "um povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (LG 4). É definida como uma "comunidade de comunhão", uma unidade de diversidades, criada a partir das diversidades. Na Lumen Gentium encontramos portanto as bases necessárias para o tema da interculturalidade, para promover a comunhão dentro e fora da Igreja.

O Papa Francisco na Evangelii Gaudium desenvolve simplesmente os mesmos conceitos, mas utilizando uma linguagem ainda mais explícita e atual.

"A Igreja é um povo com muitas faces, cada uma com a sua própria cultura, a sua própria história, que é vivida com legítima autonomia... O cristianismo não tem um modelo cultural único, mas terá também a face das muitas culturas e povos em que é acolhido e ganha raízes" (EG 116).

"Se for bem entendida, a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja (...). A evangelização reconhece com alegria estas múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja. Não seria feita justiça à lógica da encarnação se pensássemos num cristianismo monocultural e monocórdico. É verdade que algumas culturas estiveram intimamente ligadas à pregação do Evangelho e ao desenvolvimento do pensamento cristão, mas a mensagem revelada não se identifica com nenhuma

delas e possui um conteúdo transcultural. Por isso, na evangelização de novas culturas ou de culturas que ainda não acolheram a pregação cristã, não é indispensável impor uma determinada forma cultural, por mais bela e antiga que seja, juntamente com a proposta do Evangelho. A mensagem, que anunciamos, apresenta sempre alguma roupagem cultural, mas às vezes, na Igreja, caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador”. (EG 117)

Reflitamos juntos

Sentes que o cristianismo conseguiu realmente inculturar-se ou notas uma espécie de 'colonização'? Sentes que a fé está a ser de alguma forma imposta? Sentes que partilhas, e experimentas nas diferenças que nos habitam a igual dignidade de cada pessoa?

Usos, escolhas, orientações

(Para a reflexão e discussão comunitária. Indicações úteis para fomentar o conhecimento e vencer os estereótipos)

Estereótipos...

Os estereótipos fazem parte da família dos processos psicológicos que nos permitem responder rápida e eficazmente aos estímulos ambientais, mesmo na ausência de informação suficiente. Em alguns casos, é apenas uma forma de antecipar o conhecimento sem que isso signifique uma desvalorização da outra pessoa. Noutros casos, porém, pressupõe julgamentos negativos. Uma categoria sujeita a estereotipagem é a da idade: jovens-adultos.

Encontra 3 dos adjetivos mais comuns para definir os jovens e 3 para definir os idosos. Estes traços definem características reais ou estereótipos de julgamento?

Pode-se dizer que em todas as culturas o outro, o diferente, desperta medo ou desconfiança, mas também curiosidade e respeito.

Tu o que pensas? Ter preconceitos a respeito dos outros é inevitável ou pode ser evitado? Aç refletires sobre a tua forma de considerar os

outros encontras estereótipos em ti próprio que depois se tornam preconceitos, ou seja, não correspondem à realidade? Qual é a teu ver a forma de reduzir os estereótipos acerca de outrem e de o vires a conhecer realmente? Já te aconteceu ser objeto de estereótipos-preconceitos? Como te sentiste? Era um "rótulo" positivo ou negativo? Conseguiste ou não desfazer-te da "etiqueta" que te era atribuída?

O nosso Instituto é uma realidade 'plural', ou seja, internacional, porque há muito ultrapassou as fronteiras nacionais. No entanto, isto não significa que estejamos realmente formados à interculturalidade e a viver juntos e bem entre "grupos de diferentes pertenças". Somos capazes de deixar a palavra a outras culturas para incluir outras línguas, liturgias, outras visões do carisma? O que receamos "perder" se damos mais espaço às novas culturas que fazem parte do nosso Instituto? O que podemos "ganhar"?

Formas de se relacionamento com o "diferente"

Assimilação: quando o grupo maior tende a englobar o mais pequeno, obrigando-o a renunciar às suas diferenças para assumir plenamente as normas e modalidades do grupo maior. A da *fusão das diversidades* misturadas de tal forma que resulta um produto melhor. Parte-se do facto que cada diversidade tem riquezas e que estas não são tão incompatíveis que devam impedir a fusão. Ambos os modos anulam as diferenças em nome de uma suposta superioridade. O *pluralismo cultural*, ao invés, mantém as diferenças e valoriza cada uma delas como um possível enriquecimento do património cultural global. Isto, porém, é mais difícil de aplicar porque exige a capacidade de organizar continuamente na própria vida um confronto com pontos de vista e hábitos diferentes, e exige também que a própria sociedade adapte as suas estruturas às necessidades e características das diferentes culturas. Esta estratégia também apresenta alguns riscos que são de algum modo expressos em escolhas diferencialistas ou alimentadas por prejuízos. Obtêm-se no entanto ótimos benefícios quando as diversidades entram em contacto.

Na tua opinião, que modalidade tem sido utilizada no Instituto para se relacionar com confrades de diferentes origens culturais? Sobre a terceira modalidade indicada, a do pluralismo cultural, consideras que há mais riscos ou mais benefícios? Tens alguma experiência direta sobre este assunto?

Indicações para o mútuo conhecimento e aceitação

Para uma abordagem correta da interculturalidade, é preciso primeiro agir a nível cognitivo. Isto consiste em ter mais informação sobre os outros, aprender a abordar, abrir e manter contactos, gerir conflitos, tolerar incertezas, colocar-se no lugar do outro, aprender a ver as coisas a partir de diferentes pontos de vista. Mas para além do conhecimento e do intercâmbio mútuo, é também necessário ativar a dimensão de empatia e abertura emocional que se opõe a todas as formas de discriminação.

Conhecer as próprias emoções e dar-se a conhecer: não se vive numa atmosfera intercultural só porque se trocam alguma informação sobre quem se é e de onde se vem, embora com muita boa vontade. Para uma perceção mais completa da nossa própria identidade cultural é necessário afastar-se do egocentrismo; o ponto de vista do outro é como a quarta parede da nossa identidade, da qual não temos o monopólio. Não se trata apenas de falar com o outro, mas também de o ouvir e ouvir a sua narrativa sobre nós.

Que formas concretas de conhecer e dar-se a conhecer poderiam ser implementadas na comunidade?

Promover o diálogo: a pedagogia intercultural sustenta que o **encontro entre culturas diferentes**, ou mesmo entre pessoas diferentes, proporciona uma oportunidade para um confronto sobre as diferenças que distinguem, mas também sobre as semelhanças que unem.

A caminhada de descoberta das diferenças pode ser marcada pelo espanto e o embaraço diante de manifestações diferentes daquelas a que estamos habituados, investigação sobre as razões de certas práticas

diferentes das nossas, exploração de pontos de vista diferentes. Isto pode abrir novos horizontes, levar a novas questões, a conhecimentos mais profundos. Colocarmo-nos fora do contexto habitual pode causar desorientação inicial porque é um ataque ao pensamento egocêntrico, mas é também uma enorme oportunidade para o diálogo.

Perspetivas e confrontos

Vamos tentar confrontar-nos juntos a respeito das diferentes formas de nos relacionarmos uns com os outros e de vivermos as nossas diferentes realidades...

Comunicação, conhecimento e envolvimento entre nós e na nossa missão.

Sentimos que é importante investir energias e recursos para melhorar a comunicação entre nós.

Como estabelecer e fomentar mais o diálogo, comunhão e colaboração nas nossas comunidades interculturais?

Para um maior aprofundamento e melhor divulgação do carisma, podemos pensar em traduzir os documentos do Fundador para as diferentes línguas. Além disso, deveríamos fazer um maior uso do Departamento Histórico do Instituto para que a riqueza de conhecimento de tantos missionários possa ser recolhida, valorizada e tornar-se um património comum (em ficheiros, livros, vídeos, etc.)...

Como podemos melhorar a nossa estrutura de governo em conjunto com o Secretariado de Comunicação para nos educarmos e crescermos na interculturalidade? Como podemos fazer maior uso dos meios de comunicação social para nos conhecermos melhor uns aos outros e ao mundo?

Partilhemos outras propostas que possam ajudar a comunicação, o conhecimento e o envolvimento entre nós!

Pensem também que escolhas fazer para “construir pontes” entre as diversidades? Como pode ser alimentada a atenção à interculturalidade na formação, tanto de base como contínua?

RECITEMOS JUNTOS

A PAZ É CONVÍVIO DE DIFERENÇAS

*"A Humanidade, Senhor",
é chamado a viver na terra
o que as três Pessoas divinas
vivem no céu:
um convívio de diferenças.*

*Na terra, os humanos são chamados
a viver de acordo com este arquétipo trinitário:
ou seja, a pôr **tudo em comunhão**
sobre a mesa da humanidade,
guardando para si próprios apenas o que faz parte
da própria identidade pessoal.
É isso que é a paz, Senhor:
um convívio de diferenças"! [...]*

"A paz é convivialidade.

*É comer o pão
juntamente com outros, sem separações.
E a outra pessoa é um rosto para descobrir, para ser contemplado,
para ser retirado da homologação e aplanamento.
Um rosto para contemplar, para fitar e para acariciar.*

*A carícia nunca é
um tirar para possuir, é sempre um dar.*

E a paz, o que é?

É a convivialidade das diferenças.

*É sentarmo-nos à mesma mesa
com pessoas diferentes,
que somos chamados a servir".*

(Dom Tonino Bello)

